



O filme «Bahia de Todos os Santos», de Trigueirinho Neto, está devidamente recuperado e continua marcado como o divisor de águas para o cinema novo

Os filmes são fracos, mas a discussão está retomada

Um balanço marca o final das discussões

«Perspectivas Estéticas do Cinema Brasileiro» encerrou o painel de debates promovido pelo Festival de Brasília, na tentativa de fazer um balanço e sugerir novos rumos para o cinema nacional. Participaram da mesa de debates, Geraldo Moraes, Dency de Oliveira, Geraldo Veloso e Walter Lima Jr. Geraldo Veloso, professor e cineasta mineiro abriu os debates fazendo uma ampla retrospectiva do cinema produzido em Minas Gerais. Para ele, a criação da Revista do Cinema e Revista de Cultura Cinematográfica, foram marcos importantes dessa produção. Com Alberto Cavalcanti por exemplo, o Brasil pôde ver pela primeira vez a presença da terra rachada nas telas. O Brasil começava a ser descoberto pelo cinema.

A trajetória da *nouvelle vague* e do cinema novo revitalizam o cinema e provocam uma efervescência cultural. Surge em Minas Gerais o Centro Mineiro de Cinema Experimental. Todos estes caminhos abrem perspectivas para que vários cineastas se voltem inteiramente para a temática nacional, rompendo inclusive o horizonte fechado, cercado pelas montanhas do Estado.

Os cineastas apontam também para a necessidade de romper com as lamúrias toda vez que se fala em fazer cinema no Brasil. E preciso romper com a dependência do Estado. E preciso aprender a fazer filmes dissociados na relação paternal com as verbas oficiais.

Para Walter Lima Jr., embora a aspiração máxima de alguns cineastas brasileiros seja ser o Steven Spielberg nacional, a aventura de se fazer cinema no Brasil provocou uma grande inquietação e gerou boas propostas. No entanto, esta mesma moça propulsora também é responsável pela queda da qualidade da produção de grandes cineastas, como Glauber Rocha.

Uma qualidade apontada por todos, é que o cinema nacional adquiriu uma notável capacidade de resistência. Nos períodos negros da nossa história, chegamos a assistir «Terra em Transe», de Glauber Rocha, mas o desvio da proposta original era comum. Nós temos que romper a relação meio engênua entre a vontade de simplesmente fazer e adotar uma postura crítica do trabalho, afirma Walter Lima Jr.

Walter Lima Jr., um exemplo brilhante de filme bem sucedido dentro desta proposta é «Iracema», uma Transa Amazônica, de Jorge Bodanzky e Orlando Senna. «Eles conseguiram estabelecer uma relação inteiramente original com o filme, uma relação bissexta com o mecanismo de trabalho. Um filme feito inteiramente dentro da proposta original», afirma.

Os cineastas acreditam que a discussão dos meios de comunicação na Constituinte pode alterar essa realidade. Um bom exemplo disso, apontam os cineastas, é o cinema que vem sendo feito no Sul, com cuidados esmerados de produção, iluminação, roteiro, e mantendo consistência das propostas.

Avaeté, índio hour concurs

Partindo de um fato real, o filme do cineasta Zelito Vianna «Avaeté. A semente da Vingança» — chega como «hour-concurs» ao Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, com o credenciamento de um dos mais importantes festivais do mundo, o de Moscou, onde foi ganhador de uma medalha de prata, concorrendo com outros 42 filmes. «Avaeté», introduziu o problema do índio brasileiro nos países do leste Europeu, contando o extermínio de uma aldeia de índios por uma empresa interessada em suas terras.

O filme, estrelado por Hugo Carvana e Renata Sorrah, tem ainda no elenco Milton Rodrigues, Claudio Marzo, Jonas Bloch e o menino índio Macsuara Kadiweu. Zelito Vianna concentra sua história no extermínio da aldeia «Cintas-Largas», em 1962, por bandeirantes contratados por uma empresa interessada em desenvolver na região um projeto agropecuário. Do massacre, escapa um menino índio de oito anos, que torna-se amigo de um

branco e é protegido por ele.

O sucesso no festival de Moscou foi tanto, pois causou um profundo impacto na plateia internacional, acostumada às cenas dramáticas de muitos filmes sobre a segunda guerra mundial, que «Avaeté». A semente da Vingança foi um dos primeiros filmes negociados para exibição no mercado soviético, além de ter recebido convites para participar de outros festivais internacionais.

Hugo Carvana é o homem branco que protege o menino sobrevivente. Destacando-se como o «cozinheiro» arrependido de haver participado da expedição assassina, o ator recebeu aplausos por mais um trabalho bem sucedido. Utilizando índios do Mato Grosso, Zelito Vianna afirmou que «Avaeté» pretende mostrar a selvageria da civilização e a civilidade da selva. O presidente do júri do festival de Moscou, afirmou: «A medalha de prata deve-se à mão forte e talentosa do cineasta brasileiro no relato ao massacre de homens em nome do desenvolvimento industrial».

O divisor do cinema novo

Hoje, às 14 horas, no Cine Brasília, a organização do XVIII Festival de Brasília do Cinema Brasileiro apresenta um dos filmes mais importantes da cinemateca nacional: «Bahia de Todos os Santos», de Trigueirinho Neto. O filme encontrava-se desaparecido, mas a cinemateca brasileira Ministério da Cultura recuperou-o, com a colaboração da Embrafilme e do Bando do Estado de São Paulo. «Bahia de Todos os

Santos» foi considerado o fato cultural mais importante da história do cinema. Seu lançamento mundial foi feito no Cine Guarany, em Salvador, em 19 de setembro de 1960. No entanto, o Itamaraty proibiu sua exibição no exterior, cerceando a repercussão internacional. O principal ator do filme, Jurandyr Pimentel, suicidou-se em 1961, depois de atravessar grave crise existencial.

Sobe a cotação de Marcélia

Uma das atrizes mais cotadas para receber o grande prêmio do XVIII Festival de Brasília do Cinema Brasileiro é uma ilustre desconhecida do grande público brasileiro, Marcélia Cartaxo, paraibana da pequena cidade de Cajazeiras, 23 anos, integrante do grupo teatral que leva o nome de sua terra natal, foi descoberta pela diretora de cinema, Suzana Amaral, que a convidou para participar como personagem principal de seu filme *A Hora da Estrela*, adaptação homônima da novela de Clarice Lispector, que foi exibido ontem no Cine Brasília, dentro da Mostra Competitiva de 35mm.

Contracenando ao lado de consagrados atores como José Dumont, Fernanda Montenegro, Tamara Taxman, Umberto Magnani, Denoy de Oliveira entre outros, Marcélia Cartaxo vem recebendo rasgados elogios pela sua interpretação de Macabéa, uma simples moça nordestina, que como ela, busca integrar-se, compreender e sobreviver na cidade grande. Sobre o fato de haver trabalhado com Fernanda Montenegro, Marcélia diz que não sentiu-se intimidada. «O pior de tudo foi verificar que Fernanda era uma pessoa normal, como todos nós...»

Marcélia Cartaxo aos sete anos de idade participou de um grupo teatral responsável por suas próprias montagens, mas tudo era difícil pois os pais dos pequenos

«artistas» não permitiam que os filhos participassem de que o que eles chamavam de «Coisa de rapariga ou bicha...»

No entanto, Marcélia não desistiu, apesar de apanhar todos os dias. Escondida, junto com os demais membros do grupo, começou a viajar pelas cidades vizinhas e com a peça de temática política *Beijo da Estrada* o grupo ganhou fronteira participando do festival de teatro de São José do Rio Preto. Com dificuldades, eles resolveram excursionar pelo Sudeste do País, levando a montagem para São Paulo e Rio de Janeiro. No ano passado, com o pequeno grupo de Cajazeiras, ao se apresentar em São Paulo pelo projeto Mambembão, Marcélia Cartaxo teve a grande chance para se tornar uma atriz nacionalmente conhecida.

A diretora Suzana Amaral, que já tinha o projeto de fazer *A Hora da Estrela*, viu Marcélia no palco e resolveu investir em seu talento, convidando-a para fazer um teste. Ela ganha o papel de Macabéa e logo no seu primeiro dia de trabalho pensou que tivesse sido dispensada quando a maquiadora chegou e lhe disse que passasse de se pintar: «fui despedida?» — Não, o meu trabalho é esse... Mesmo sem acreditar muito que o prêmio de melhor atriz do festival pode ser dela, Marcélia conta: «Eu não durmo, não como. Meus nervos estão a flor da pele».

Neste último dia do XVIII Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, a impressão quase unânime dos participantes é a de que mais valeram as atividades paralelas, como seminários e encontros, do que as mostras competitivas. Na opinião da assessora da Embrafilme, Berê Bahia, os filmes exibidos foram, na maior parte, fracos, creditando o sucesso do festival à retomada da discussão em torno do cinema brasileiro.

E o povo continua julgando os trabalhos apresentados, cuja apuração final e premiação acontece às 21 horas, no Cine Brasília, encerrando o evento. Até agora, segundo boletim da Fundação Cultural, a preferência popular aponta o longa «Pedro Mico», de Ipojuca Pontes, como melhor filme, com 1.199.554 votos, seguido de «Jogo Duro», de Hugo Gerogetti (821.786 votos), «Tigipió», de Pedro Jorge de Castro, «Aqueles Dois», de Sergio Arion, «Insônia», de Nelson Pereira dos Santos, Luiz Paulino e Emanuel Cavalcanti, além de «A Hora da Estrela», de Suzana Amaral.

Os curtas mais cotados são «Via Crucis», de Leonardo Bartucci, com 1.077.430 votos, «Madame Cartô», de Nelson Nadotto, com 1.033.887 votos, «O que se Move», de Nilson Villas Boas (872.549 votos), «O Som», de Arthur Osmar (717.803), «Porta de Fogo», de Edgard Navarro (643.332), «Parahyba», de Machado Bittencourt (584.127), seguido de «Frei Tito» (Marlene França), «Nifrapo» (Ricardo Bravo), «O Mergulhador» (Ana Maria Magalhães), «Os Sapatos» (Miguel Borges), «A Última Canção do Beco» (João Carlos Veloso) e «O Guerreiro de Alagoas», de Eliseu Visconde Cavalleiro.

Conclusões

Apesar das mostras competitivas acabarem hoje, os seminários e encontros já foram encerrados, tendo seus participantes apresentado algumas conclusões, sendo que a maior parte critica a falta de uma política definida para o setor cinematográfico, a dominação cultural imposta ao Brasil pelas distribuidoras multinacionais e a falta de conscientização do brasileiro como um todo.

Os pesquisadores do cinema, por exemplo, são unânimes em assegurar que existe um descaço das entidades oficiais em relação à pesquisa no Brasil e que todo o trabalho de resgate da memória cinematográfica nacional é realizado apenas por amor. Também falta um intercâmbio entre as poucas pessoas que pesquisam o cinema brasileiro. Em relação a isso, o presidente do Centro de Pesquisadores do Cinema, José Tavares de Barros divulgou que já existe um projeto para implantação de um terminal de computador, a nível nacional, interligando todos os centros de pesquisas no País, o que facilitará a troca de informações.

Já os organizadores de festivais, colocam que o problema central do cinema no Brasil, hoje, é o afastamento do público das salas de projeção, creditando este problema à crise econômica e à dominação exercida pelas distribuidoras estrangeiras. Para contornar este problema, eles propõem a formação de uma política para normatizar os festivais, sincronizando os oito eventos que acontecem anualmente. E que todos eles recorrem, geralmente aos mesmos patrocinadores. Assim, se forem realizados simultaneamente, alguns serão prejudicados em função de outros, e todos são muito importantes para a formação de plateia no País.

Constituinte

O 1º Encontro de Cineclubes do Centro-Oeste acabou em polémica. E que algumas entidades acham que o cinema deve ser apenas divertimento e, outras, opinam por uma penetração nas comunidades carentes para um trabalho de conscientização. Mas acabaram se entendendo e resolveram canalizar esforços para o desenvolvimento de uma metodologia de conscientização nas comunidades mais pobres e ignorantes, principalmente para prepará-las para debater a constituinte.

Quanto à crítica cinematográfica, os profissionais da área reclamam uma correção das distorções no relacionamento entre a crítica e outros setores do cinema, especialmente com os realizadores. Eles propõem também uma legislação específica que encoraje a abertura de salas de exibição, a formação de plateia e a distribuição independente. Quanto a isso, acham que os distribuidores independentes podem ser brindados com incentivos fiscais e legislação diferenciada para filmes culturais, o que reforçaria em boa dose o cinema nacional.

Segundo o presidente da Associação de Críticos do Rio de Janeiro, Nelson Hoineff, a classe vem procurando se organizar no sentido de ter a mesma participação dos demais componentes do cinema.